



QUEM CONTA UM CONTO, ACRESCENTA UM POUCO

CARTA GASTRONÓMICA
DO TERRITÓRIO ADICES

OLGA
CAVALEIRO

**QUEM CONTA
UM CONTO,
ACRESCENTA
UM POUCO**

*Quem conta
um conto,
acrescenta
um pouco*

CARTA GASTRONÓMICA DO TERRITÓRIO ADICES

**QUEM CONTA
UM CONTO,
ACRESCENTA
UM POUCO**

OLGA CAVALEIRO

CARTA GASTRONÓMICA DO TERRITÓRIO ADICES

*Quem conta
um conto,
acrescenta
um pouco*



PREFÁCIO

O que aqui se apresenta é um roteiro de viagem. Uma viagem por um território, pela sua orografia e geografia, pelas suas memórias e histórias, percorrendo trilhos pela serra e pelos rios que o desenham. Esta viagem, fascinante, é sempre acompanhada pelo maior tesouro que integra este espaço, as pessoas que o habitam.

É uma viagem com um apelo aos sentidos, por um território com sabor e cheiro, onde é possível ver, ouvir e sentir um espaço de equilíbrio entre o homem e a natureza. Um espaço humanizado a custo pelos seus habitantes que, com a perseverança que os caracteriza, transformaram espaços improdutivos em mosaicos de produção agrícola de extraordinária riqueza. Agricultura esta que nos deu os produtos genuínos deste território e que são a base da alimentação que é o fio condutor desta nossa viagem.

É também uma viagem à história colectiva de uma região, à sua diversidade e à riqueza que ela significa, à complementaridade entre a Serra do Caramulo, espinha dorsal do território, e os rios Dão, Mondego e Águeda, teias que o enriquecem. Percorrer estes trilhos é, mais do que tomar conhecimento sobre produtos e receituários, conhecer a história da nossa alimentação e dos produtos que são a sua base, reconhecendo a importância do saber fazer que centenas de mulheres, e alguns homens, partilharam connosco sobre o que eram, e são, os hábitos alimentares da sua vida comum. Porque a história desta viagem é isso mesmo, a história do cidadão comum. Um cidadão que é o protagonista de um território vivo, estimulante e rico sobretudo pela diversidade que o compõe.

Um território sobre o qual pesam também algumas ameaças, a maior das quais associada ao despovoamento a que está sujeito. Nesse sentido, esta viagem pretende também recolher as memó-



rias dos que ainda o habitam, no sentido de salvaguardar a nossa memória colectiva, elemento essencial para viver o presente e construir o futuro.

Do alto da Serra do Caramulo, avistam-se os magníficos vales até à Estrela, e o do Vouga, zonas de riqueza cultural e humana que são a matriz desta viagem para a qual vos convidamos. Percorrer Águeda, Carregal do Sal, Mortágua, Santa Comba Dão ou Tondela deixando-nos descer da serra até à Barragem da Agueira ou à Pateira de Fermentelos é uma descoberta incrível por produtos, saberes e sabores únicos.

Este trabalho de recolha resulta muito da paixão que lhe foi dedicada pela Olga Cavaleiro e pela equipa que liderou. Uma paixão que se revela a cada frase deste percurso e que esperamos vos contagie.

Este projecto significa para a ADICES uma enorme responsabilidade pelos caminhos que agora nos abre. O conhecimento que nos revelou não pode agora deixar de lançar outras ideias de projectos. O trabalho de valorização desta carta gastronómica junto da nossa comunidade, associando a ela novos parceiros fundamentais para que todos a possamos reconhecer enquanto tesouro colectivo. Podemos afirmar que este livro que tem nas mãos é uma pequena parte desse tesouro, pois o resultado da recolha é muito mais vasto do que ele pôde acolher. É complementado por muitas centenas de fichas de produtos e receitas que são disponibilizadas por outros canais. A nossa responsabilidade enquanto associação é dar continuidade à valorização e envolvimento da sua comunidade na construção das soluções colectivas de defesa do nosso território de pertença.

É também importante reforçar que todo este trabalho só foi possível devido à colaboração dos municípios, bem como das 48 juntas e uniões de freguesia que integram os cinco concelhos da área de intervenção da ADICES.

Este trabalho é revelador da importância dos Programas Operacionais Regionais, como o CENTRO 2020, e dos seus financiamentos, pois sem estes instrumentos não haveria condições para se conseguirem recursos como os que esta medida possibilitou.

Deixe-se guiar nesta viagem a um dos mais saborosos segredos do nosso território. Disfrute da diversidade cultural, humana, gastronómica e paisagística que o território da ADICES tem para lhe oferecer. Depois de percorrer as páginas desta carta, visite-nos e verifique que aquilo que aqui leu é uma pequena parte da extraordinária descoberta do que este território tem para lhe oferecer.

ADICES, um território, cinco sentidos.

NA LUZ E NA SOMBRA, A ESCRITA NA PRIMEIRA PESSOA

Bolo de Canel

3 ovos, uma chavena
chavena de açúcar, 1 colher de
decretida e uma colher de leite
1 colher de chá de fermento, uma chavena
de leite

Benditas

100 gr de manteiga 100 de açúcar
50 gr de farinha 100 de amendoas
cortada em tirinhas

Amolecer a manteiga e trabalhar-se
com o açúcar.

Junta-se as amendoas e depois a
farinha.

Por esta massa em pequenas montes
do tamanho de uma noz. Esta massa a
massa com um garfo molhada
em água

«O que as letras produzirão é esquecimento em quem as aprender, ao descurar a memória, já que, fiando-se dos livros, chegarão à recordação desde fora. Será, portanto, a aparência da sabedoria, não a sua verdade, o que a escrita dará aos homens; e, quando tiver feito deles entendidos em tudo sem uma verdadeira instrução, será difícil suportar a sua companhia, porque se julgarão sábios em vez de o serem.»¹

Ouvir as Receitas tem tanto de luz como de sombra. De esclarecimento como de dúvida. De revelação como de segredo. Ouvir as receitas e pensar que conseguimos traduzi-las para a escrita sem traição. E que da oralidade se passa à escrita compreendendo cada palavra no seu sentido mais profundo.

Mas as receitas não são feitas apenas de palavras escuras que nascem na fluidez da procura do sabor. Há silêncios, pausas, murmúrios, um volta atrás e vai à frente, sorrisos entreabertos, mãos que giram em gestos de abraços, gargalhadas e algumas lágrimas de emoção que viram, que transformam a receita. Isso tudo é dádiva da oralidade que a escrita nunca poderá reproduzir. Lembro uma das senhoras que, à medida que íamos falando, ia, com um lenço, limpando os olhos. Pensei que, por causa natural, os seus olhos lacrimejassem facilmente e fosse problema do quotidiano. Até porque as palavras corriam, sempre oportunas, tranquilas e fluidas, e nada, na conversa, fazia adivinhar o que iria ouvir. No final, sempre com um discurso suave e sem tremores, confidenciou-me o quanto o lembrar da memória passada a tinha emocionado.

Eu, que ali tinha chegado para aprender, para transpor para a escrita tudo o que tinha ouvido, percebi como a minha tentativa de conquista tinha sido vã, como traiçoeira era a ideia de que a oralidade tem

¹ I. VALLEJO, Irene – *O Infinito num Junco*. Lisboa: Bertrand Editora, 2021. p. 123.

sempre uma correspondência na escrita. Não, não tem. E é, por isso, que as receitas nunca perdem a sua liberdade, nunca ficam presas a constrangimentos do ser e do estar, da fórmula exata, dos pesos e das medidas, dos minutos e das horas. Afinal, ao longo da história da cozinha, foi essa liberdade que deu asas à alimentação e a fez cumprir sempre o seu papel. Porque sim, sempre soube cumprir a sua obrigação sem a cristalização do que deve e tem de ser, como se a alimentação fosse determinação burocrática e decisão administrativa. As receitas correram no tempo e no espaço, às vezes a passo de caracol, outras vezes a salto de gigante. Mas foram seguindo o seu caminho, nunca ficando presas à determinação.

Pensar a culinária foi sempre um ato do quotidiano que aconteceu no espaço certo, na cozinha. Nas escolhas que tantos, antes de nós, fizeram na procura do sabor e do bem-estar. Atrevo-me a pensar nas perguntas que as receitas fazem. O que procuram? Acredito que, na sua intuição, sempre tiveram, no seu íntimo, a busca pelo sabor e pelo bem-estar. E foi assim que cresceram e atravessaram séculos. A oralidade foi o vento que empurrou, para o futuro, o presente das receitas, que o atirou para novas fórmulas em virtude de novos produtos e técnicas trazidos pelos mercados e pelas conquistas. Mas a oralidade foi o fermento, o ventre, o âmago que fez deslizar o certo, triando o que, numa receita, seria importante modificar e o que seria necessário preservar. Sem cristalizações, sem determinações do certo e do errado. Sim, porque uma receita é uma pergunta a que nem todos podem e sabem responder.

Traduzir para a escrita as inúmeras e infindas receitas ouvidas no silêncio das cozinhas adornadas do fumo negro que, ainda hoje, envolve as paredes, julgou-se como tarefa imprescindível na realização desta Carta Gastronómica. Tarefa levada com valentia e ousadia que me conduziu aos recantos deste território entre a Aguieira e a Pateira. Decidida chegava e sorridente partia com o caderno cheio de palavras, retorno grato do que tinha ouvido em confiança. O relato, feito na intimidade, de tantas e tantas receitas obrigava-me a ser exata, a ser fiel, a usar com precisão as palavras e a pontuação do discurso.

Se no princípio era a exatidão do discurso que me guiava, agora que viajei e ouvi com o coração muitos e muitos enunciados culinários em jeito de histórias, é a liberdade das receitas que me guia. Quero que a escrita seja um marco em toda a *Carta Gastronómica*, que seja lugar para todas as vozes que eu escutei com o coração. Mas não pretendo aprisionar as receitas neste bocado de papel. Do infinito chegaram e para o infinito caminham. As vozes que as relataram são instrumentos do etéreo que fazem vibrar os sons da memória. Mas caminham, ora com fôlego, ora devagar e com pausas, entre tempos distantes onde o próximo e o longe se misturam.

Sim, escrever na fidelidade das palavras, como promessa inquebrável. Mas, certa de que as receitas nunca deixarão de nos inquietar com as suas perguntas, com o permanente questionar do que é o seu âmago. Porque o futuro mora no amanhã e as receitas serão nossa companhia.

A minha esperança é que, por ora, as receitas aqui transcritas saibam responder a algumas questões, deem a tranquilidade da resposta, saibam dar conta a algumas interrogações de quem vai ler. Mas na oralidade vai sempre ficar a resposta mais fiel. E esta fidelidade é circunscrita a um espaço e um tempo. Não é ubíqua senão no território que lhe pertence, não é soberana senão no tempo que lhe conta os dias e os meses.

Nas entrelinhas, fica o equilíbrio entre a luz e a sombra que oculta o que não foi escrito e ilumina o que foi dito. Porque as palavras libertam, mas também podem ser grilhetas que aprisionam, a atenção

do leitor deve ficar na nuvem que se gera no claro escuro das entrelinhas, espaço gigante onde as vozes que nos deram estas receitas nunca se calam e para sempre se fazem ouvir. O certo e o errado de cada voz só por cada uma delas pode ser compreendido. Nós seremos sempre leitores atentos de um contexto que fez fluir uma receita, nunca juízes da mesma.

A cozinha é alma de um povo, atravessa-o da nascença à morte, está em todos os seus momentos da sua vida e a emoção gera sabor pelo que traz de humano a um ato que se repete todos os dias. Compreender essa cozinha não é recuar ao «antigamente», espécie de esquina mágica da memória que clareia e clarifica o que é uma receita. É, antes, entender a receita como um conto ao qual se acrescenta um ponto sempre que ela salta, no tempo e no espaço. É atender a humanidade da cozinha que gerações souberam cuidar, guardar, transmitir, passar para o futuro, mas sempre sem serem juízes em causa própria, mas apenas vozes que deixaram fluir a receita.

Foram estas receitas que chegaram até nós que são agora reproduzidas. Na angústia da tarefa da reprodução do espírito de cada uma delas, sabemos que a verdade de cada uma delas reside no tempo e no lugar que lhes é próprio. Escrever o que se ouviu foi sempre uma interpretação, por isso, um ato de aproximação ao que foi dito. Um meio, portanto, nunca um fim em si mesmo. A verdade está na luz e na sombra que se encontram nas entrelinhas, na mancha da escrita, na nuvem das palavras. E, no final, se nos sentimos mais próximos da sabedoria foi somente porque a vestimos da humanidade que sentimos nas conversas. Mas a verdadeira sabedoria está no etéreo das palavras e não na nossa interpretação. Na luz e na sombra das receitas que estas vozes trazem até nós.

Sejam bem-vindos a este mundo maravilhoso de luz e de sombra, onde mora a verdade das nossas receitas.



O LUGAR, PAISAGEM QUE SE MOVE

«Com o homem ou sem ele, céu e mar seriam os mesmos; mas a terra e a vegetação, este revestimento das paisagens que acode prontamente à memória de quem as evoca, são outras. Terra e não apenas solo natural, porque gerações de culturas o enriqueceram do que permite a sua fertilidade. (...) Como a casca que os moluscos segregam e acompanha o seu crescimento, o mundo rural que envolve o homem e o encastoa profundamente na natureza é, em grande parte, um produto da sua capacidade criadora.»²

A paisagem é dinâmica. Longe da imutabilidade que a montanha expressa ou que o rio transparece, somente a vivência do presente faz pressentir tal constância. Mas a paisagem move-se, é fugidia, altera-se e é alterada. Recuar até ao cenário primeiro, virgem à ação natural e humana, é quase recuar ao infinito pelo que de exercício de imaginação comporta.

O acidente geológico, a mudança climática, o processo de assoreamento ou mutação hidrológica, todos os fenómenos que concorrem para a alteração da geografia física dão uma nova fisionomia aos lugares, transformam-na numa constante dialética entre a rigidez dos elementos e a fluidez dos processos na linha do tempo. É quase pueril e ingénuo aceitar o axioma da imutabilidade do lugar como se este estivesse imóvel e imune à erosão ou movimentação dos elementos físicos. Há uma paisagem que muda para além do esforço humano.

Pensar a paisagem obriga a ver os contrastes criados na linha do tempo, mais do que a constância que se oferece aos nossos olhos. Interpretar a mudança pode ser útil na medida em que ajuda a relativizar as alterações e as dessacraliza, permitindo um outro olhar para a utilização que as comunidades fizeram do

². RIBEIRO, Orlando – *Ensaio de Uma Geografia Humana e Regional*. Lisboa: Sá da Costa, 1970, p. 125.

espaço geográfico. Na impossibilidade da cristalização da paisagem, abre-se um outro respirar sobre a utilização que dela é feita e o modo como é manuseada para o bem-estar humano.

Na medida em que as comunidades sempre emergiram da paisagem e fizeram dela o seu abrigo doméstico, o seu espaço de cultivo, o seu lugar social, percebeu-se a atitude de domesticação do lugar. Do mesmo modo que o lugar fez o homem e a mulher e se sentem estes como filhos da geografia, não deixam de ser protagonistas ativos na mudança. Pela forma como interpretam a paisagem e buscam nela os elementos necessários para a sobrevivência, pela forma como interagem com as oportunidades que aquela avança e a transformam a partir do conhecimento. Certos da interação circular e bidirecional, as comunidades sempre souberam tirar partido do que a natureza lhes punha à disposição numa versão, aos nossos olhos, sempre simbiótica e quase perfeita.

Mas se homens e mulheres se fizeram à semelhança da geografia que lhes deu chão e nela descobriram a sua identidade, a capacidade de usar a cultura como mecanismo de transformação do ambiente oferecido, e conseqüente manipulação das condições de base, originaram a modificação da paisagem. Se hoje muitas dessas obras são indiscutíveis e fazem parte do património cultural, tal importância, enquanto resultado da inteligência e criatividade humanas, não lhes retira o efeito de manuseamento e manipulação dos lugares.

Julgar o valor da mudança muitas vezes atira a reflexão para o domínio do romantismo de um tempo passado. Sacode a interpretação e enche-a de lugares-comuns que facilmente fazem deslizar para uma visão dourada de um tempo que passou, não deixando absorver o caráter dinâmico do tempo e do espaço. A paisagem muda, por fatores físicos ou humanos, e as comunidades mudam com ela. Adaptam-se numa atitude constante de resiliência e de absorção do melhor que podem usufruir. Por isso, o espírito do lugar confunde-se muitas vezes com a identidade que as comunidades, que ali viveram e vivem, descobrem no seu respirar, nas suas vivências de quotidiano. Serão serranos se o lugar for a serra, serão anfíbios se mais encostados ao mar. As comunidades descobrem-se quase como acrescentos humanos à paisagem, organismos vivos que por ali circulam e com a qual se relacionam. Negativo será quando essa corrente se perde e paredes se erguem entre o lugar e as comunidades. Perdido o vínculo, dissolvido o cordão que os prende à superfície e às entranhas do lugar, sobrevivem o desnorte e o abandono. Cai o pano para o lugar, despido do seu cúmplice mais ativo: a humanidade.

Espaço humanizado ou domesticado, ainda que num ciclo que não é contínuo, mas temporário, quase como uma transumância de presença humana, é perfil indiscutível para a soma do caráter social e cultural das comunidades. É elemento que se predispõe como imprescindível para a felicidade dos povos.

Por isso, interpretar as comunidades será tarefa que incluirá sempre este lastro da paisagem que as abriga e com a qual elas mantêm relação dialética de compreensão e de confronto. Vazio será olhar as comunidades apenas a partir do seu perfil humano e de criação, não olhando as raízes da sua presença e as marcas que deixa na geografia física.

O TERRITÓRIO ADICES

«Interpretar é menos encontrar relações causais do que aproximar factos, sugerir encadeamentos e deixar o caminho aberto à reflexão e à dúvida renovadora.»³

Na tarefa de escrita e compreensão da Carta Gastronómica do Território da Adices, quis-se uma interpretação das práticas alimentares a partir do território, nunca tomando este como um resumo de pontas soltas, mas como um espaço organizado. Bocado delineado nas infinitas e caleidoscópicas Beiras, simpaticamente instalado entre monumentos naturais de referência como a Estrela e o Caramulo e irrigado por portentos hidrográficos como o Mondego ou o Vouga, procurou-se um outro alinhamento para a interpretação dos concelhos de Tondela, Carregal do Sal, Santa Comba Dão, Mortágua e Águeda.

É o traçado do Mondego, no seu percurso médio, base para o triângulo que se instala entre os vértices traduzidos nos concelhos de Carregal do Sal e Mortágua e que preenche no seu miolo os concelhos de Santa Comba Dão e Tondela. A confluência faz-se no vértice que toca em Águeda, o que, se por um lado, distancia o território em análise da Bacia Hidrográfica do Mondego fazendo notar a disparidade e distância do limite traçado pela vontade humana, por outro, leva-nos para o domínio do Vouga e, sobretudo, para o outro lado do Caramulo. Este será facto original e promissor pelas relações que pode proporcionar no futuro de cumplicidade entre um e o outro lado da montanha, pois que se à vista as serras separam e agregam as franjas em função de centros que se formam nas várias encostas, certo será que as relações intemporais entre o sopé, o cume e as várias vertentes são indicio de como o desenvolvimento pode ser pensado num outro paradigma.

³. RIBEIRO, Orlando – *Ensaio de Uma Geografia Humana e Regional*. Lisboa: Sá da Costa, 1970, p. 112.

Triângulo não perfeito, que as delimitações físicas humanas estão distantes de análises a regra e esquadro para sugerir fatos delimitativos e cristalizados, mas imperfeito pelos rebordos que se geram na tentativa de interpretação, da aproximação de sugestões que podem ser candeia no traçado do território. Ainda que o desenho de limites possa ser guia na visualização do espaço, terá de ser moderada a vontade de querer absorver na compreensão humana todo o indizível que a natureza traduz e que a criação humana reproduz e amplifica. Mais suave e certo será o respirar de uma interpretação que analisa a interação dinâmica e sempre viajante das comunidades com a paisagem que lhes ampara as vivências.

Mas sim, triângulo, forma geométrica que baliza o vigor da empreitada desta Carta Gastronómica. Triângulo que deixa entrever a Estrela, que se apoia no Mondego, mas que viaja para além da cumeada do Caramulo e a atravessa para além do picotado granítico que realça no horizonte e entra na Bacia Hidrográfica do Vouga, onde os rios Águeda e Cértima têm importância grande.

Mas a paisagem é dinâmica e as comunidades também. E, neste triângulo imperfeito que abraça os cinco concelhos, quis-se que a interpretação da paisagem e o espírito do lugar fosse para além dos majestáticos elementos físicos onde a mudança aparece como quase impercetível. Certo será que a Estrela e o Caramulo serão protagonistas vigilantes e atentos do território em análise. Do mesmo modo, é fiel e constante a influência do Mondego e do Vouga. Mas, em vez dos limites e pilares fundacionais, pretendeu-se ver os centros a partir dos quais a paisagem se congrega e a ação humana se desenrola. As distâncias horizontais podem ser tão proficuas quanto as verticais. Por isso, a escolha para alinhar os pontos que sobressaem entre um território tão dispar recaiu em dois lagos interiores a partir dos quais a paisagem evoluiu e as comunidades evoluíram com eles.

Na convicção de que a paisagem evoluiu contrariando uma interpretação monoteísta e sagrada do lugar, as manchas de água da Aguieira e da Pateira expressam-se como representações dessa mudança e chamam a atenção para a permeabilidade das comunidades para a adaptação. A primeira, a Aguieira, de lembrança ainda recente, simboliza, mais do que a transformação da paisagem, a sua domesticação quase forçada. É uma modificação com forte impressão digital humana, que retirou conforto a várias comunidades, que alterou rotinas de produção agrícola e de convivência social e religiosa. A segunda, a Pateira, porque mais distante num tempo sem memória que não seja nos arquivos e determinada por fatores naturais, parece ser de relação mais pacífica com as comunidades.

Contudo, para além da relação causa-efeito, certo é o impacto de ambas na vida das comunidades. Não só nas práticas quotidianas de atividades económicas, sociais e culturais, mas, sobretudo, no modo como obrigou a uma reformulação da relação das populações com o lugar. Para além dos efeitos positivos ou negativos tidos quase como uma avalanche na relação emocional com a paisagem, estes dois elementos geográficos permitiram a continuidade do vínculo com a paisagem. Longe de cair o pano, este deu palco a novas estratégias, novos impulsos, novos olhares, novas vontades para a ação.

A mudança por via da transformação, em alguns casos agressiva, obrigou ao redesenhar das relações entre os vários concelhos limítrofes à Aguieira e à Pateira num reforço das relações horizontais, percebendo-se a força que ambos terão no futuro daqueles territórios.

A escolha da Aguieira e da Pateira como elementos centrais de organização do espaço não só decorre da convicção de que as modificações que ambas comportam irão desenhar o futuro das comunidades que

com elas interagem, mas também porque se pretendeu que a interpretação da paisagem fosse feita segundo fatores dinâmicos que, de uma forma umbilical, incluem todos os elementos físicos que se parecem afirmar como imperturbáveis à mudança, como a Estrela ou o Caramulo.

De uma forma intrínseca e necessária, eles estão lá. Do mesmo modo, toda a rede hidrográfica das Bacias do Mondego e do Vouga serão fios imprescindíveis no tecer desta manta aquática que sobressai. Mas os elementos que se erguem como eixos centrais a partir do qual irradiam todos os movimentos são fatores dinâmicos, evolutivos, que exprimem um outro desenho da paisagem. É um laço que, ora aperta ora alarga, mas nunca deslassa, mantendo as comunidades por perto e dando-lhes caminho para o futuro.

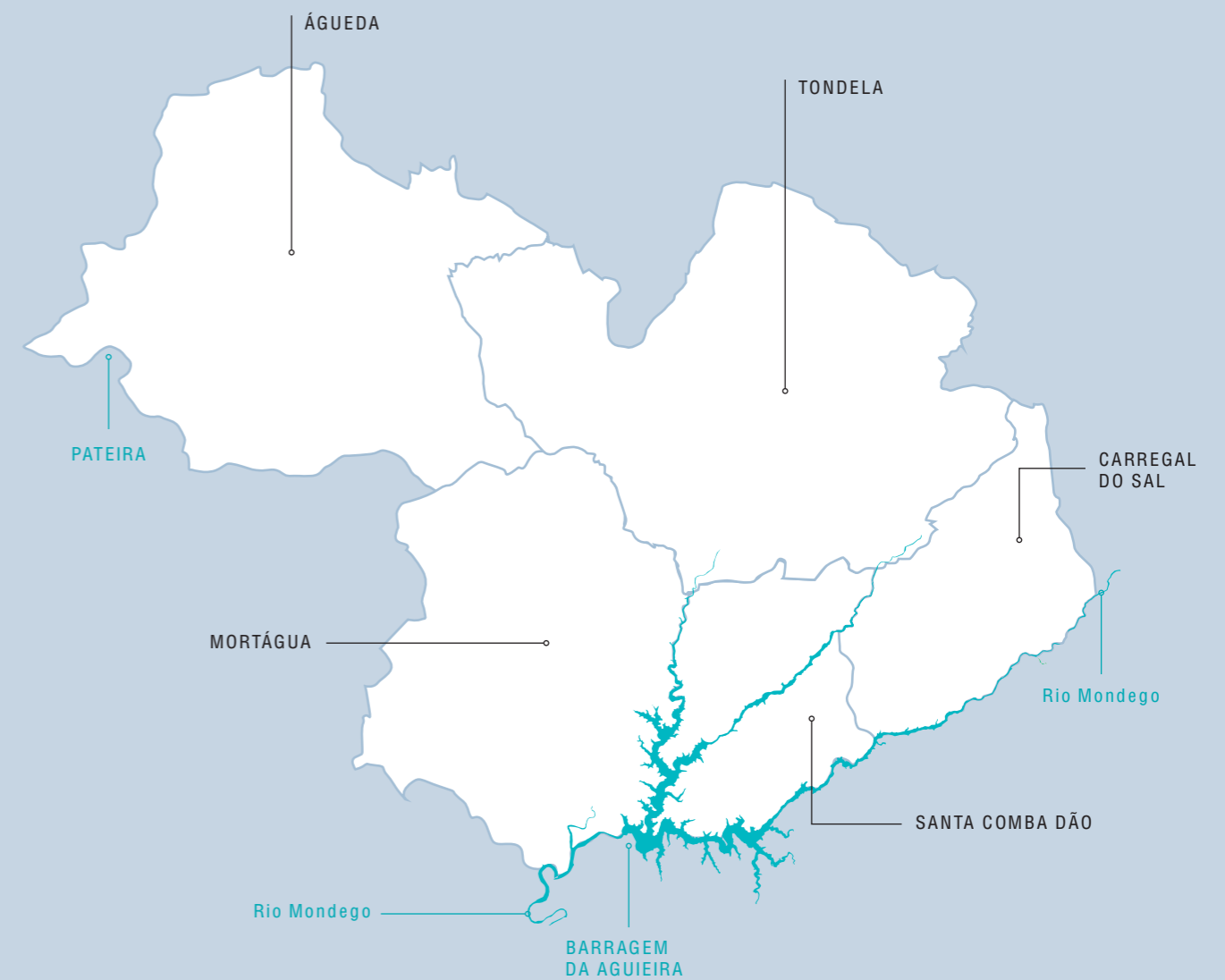
Esta escolha centra-se na premissa de que, ainda que uma Carta Gastronómica seja um documento construído na superfície, tanto expressa como oculta, da memória, a sua validade será tanto maior quanto se projetar para o momento presente, ajudando a construir caminhos de futuro. Dinâmica a paisagem, evolutivos os hábitos das comunidades. O equilíbrio entre o que foi e o que queremos que a peneira do tempo deixe passar para o futuro obriga a um entendimento da memória gastronómica.

É em torno destes lagos que hoje criam mancha no território ADICES que iremos fluir, até porque a água dissolve e desgasta, ao mesmo tempo que deixa a descoberto o que o tempo quis deixar ficar em cada um de nós.

Vamos viajar pelo território ADICES, em torno destes dois mares interiores que se formaram e partir dos quais descobrimos caminhos passados e futuros.



MARES INTERIORES – A AGUIEIRA E A PATEIRA



AGUIEIRA – MAR INTERIOR ENTRE MONTANHAS

> Mar interior entre montanhas. A Estrela, o Caramulo, o Buçaco e o Açor acolhem a enorme mancha de água resultante da obra hidrográfica da Barragem da Aguieira. Localizada a estrutura da Barragem entre os concelhos de Penacova e Mortágua, a 1,7 km a jusante da Foz do Dão, os braços de água espriam-se pelos já citados e, ainda, pelos concelhos de Carregal do Sal, Tábua e Tondela.

No murmúrio silencioso das águas, a albufeira desenhou-se como um lago gigante em forma de dragão de corpo e cabeça quase infinitos, que se espriam pelo território e que faz comunicar Tondela, Santa Comba Dão, Mortágua e Carregal do Sal, concelhos em análise nesta Carta Gastronómica. No emaranhado de braços e ramificações quase parece que os mesmos concelhos mais se afirmam como ilhas entre pequenos recessos fluviais. São as curvas e os recantos de uma mancha de água estancada propositadamente para benefício do Baixo Mondego.

É o Mondego o patriarca deste território entre montanhas. É ele o cordão que estrutura toda a albufeira. Vindo da Serra da Estrela, desliza, serpenteando de acordo com o que a morfologia do relevo permite. Ora encaminha as águas dos seus tributários para o seu leito, ora desencaminha a torrente para as várzeas alimentadas de aluvião. Terá sido, precisamente, a torrente que desencadeia e que segura no seu leito que o fez dono da mancha aquática da Aguieira.

Na viagem que faz no seu percurso intermédio e que culmina na albufeira, o Mondego beneficia da companhia segura dos gigantes Estrela e Caramulo. A primeira ladeia-o a Oriente e o segundo acompanha-o a Ocidente. É uma travessia nunca solitária, mas sempre envolta na proteção pujante de duas estruturas geográficas determinantes, não só para a caracterização das Beiras, mas fundamentais no desenho de Portugal. Na passada final, junto à estrutura que represa as águas e antes do encontro com o Alva, são o Açor e o Buçaco os vigilantes do correr das águas.

AS SERRAS

> Estrela. A Serra da Estrela é a cabeça maior da Cordilheira Central que aloja, ainda, o Açor e a Lousã, conjunto que se expressa como a espinha dorsal de Portugal Continental e se distribui numa orientação Nordeste-Sudoeste. Volume grandioso na morfologia beirã, a Estrela oferece-se como a Serra de maior altitude de Portugal (1991 m, na Torre) sendo o seu topo aplanado, motivo que a torna ainda mais imponente e majestática.

Para Sudeste, cai a Serra abruptamente em forma de penhasco. É a vertente brava, difícil pelo caráter agressivo do desnível entre o topo e as partes baixas. Do lado Nordeste, descai a serra em suaves ondulações a favorecer a presença humana. É a vertente mansa.

O granito é o senhor da montanha. Reveste a Serra em quase toda a sua extensão, apenas limitado pela presença de aglomerados xistosos numa faixa que se situa entre a Cabeça Alta (1283 m) e a Covilhã. O clima é de montanha e expressa-se em Invernos rigorosos, prolongados e muito frios, sendo que só aquando do solstício de Junho surgem os dias quentes e ardentes que irão fazer notar o Verão.

Pela Bacia do Mondego, correm libertos os ventos de Oeste que levam consigo as massas de ar marítimo. Pelo relevo da Serra e altitude, aquelas são expostas às baixas temperaturas que ocorrem no topo serrano. A condensação do vapor de água vai originar a precipitação fazendo escorrer pelo manto rochoso



da Estrela a água da chuva ou os cristais de gelo da neve. Resguardo de chuvas e neves que pela determinação climática ali acontecem com maior frequência, a Serra da Estrela é, por isso, a Mãe-de-Água de Portugal.⁴ No seu ventre, bem protegido por escarpas, fraguados e vultos graníticos inacessíveis, brotam as nascentes dos Rios Mondego, Zêzere e Alva. Seio rico e bem alimentado de água que escorre nos principais rios, mas também em inúmeros ribeiros e regatos que alimentam os vales das duas vertentes.

É a abundância, a riqueza, a quietude e a imponência de uma Serra que desde sempre alimentou a admiração de quem ali viu a origem da fertilidade. «Por essas paragens, o ar é puro e a água imaculada e gélida. A mudez, a tranquilidade, são quase absolutas. Grandes silêncios abraçam a serra, quando muito ouve-se o crocitar de um corvo, que voa rápido acima do penedo, ou o balido longínquo dum rebanho, tudo isto a par com a solidão, a pureza do ar e da água, que brota por toda a parte.»⁵

Caramulo. Do lado da margem direita do Mondego, altivo e quase esquivo pela elegância da sua cumeada, prolonga-se a Serra do Caramulo com orientação geral Nordeste – Sudoeste. Também foi conhecida, no passado, por Serra de Alcoba (palavra árabe que significa cúpula, zimbório, abóboda) ou de Besteiros. A par e passo sente-se a coerência desta montanha de aparência tão singular quando comparada com as restantes que fecham o Planalto Beirão. «Monstro fabuloso adormecido»⁶, no dizer de Amorim Girão, a sua silhueta acompanha-nos ao longo dos 25 km que faz a sua extensão e é pontuada por um conjunto de cumes que lhe dão um perfil fino e recortado. Na orientação de Nordeste para Sudoeste levanta-se o pico Lafão (601 m) que dá nome e identidade à região que, na vertente ocidental, se entrelaça com o Maciço da Gralheira. Logo a seguir, é o pico Janus (1025 m) que se sobrepõe no horizonte acompanhando o Caramulinho (1074 m) na maior altitude da Serra do Caramulo. Este último, também conhecido como Cesto Poceiro, é visível em dias claros e luminosos a partir das terras adjacentes à Ria de Aveiro.

Da vertente que vigia o traçado do Mondego, a oriental, é a escarpa abrupta e «(...) imprópria para o estabelecimento de população; ainda assim, nela encontraremos alguns povoados que, nas zonas mais elevadas por vezes lembram ninhos de águias num rochedo.»⁷ É pelo Vale de Besteiros que se distribuem várias populações cujos topónimos buscam naquela designação a raiz e a contextualização. Do lado ocidental, a serra anuncia-se sobre o vale de Lafões de forma branda e suave.

Pela singularidade da sua constituição, o Caramulo entusiasma, pois esta Serra não pertence ao mesmo sistema da Estrela. São diferentes, no volume, na constituição e na origem. Em finais da época do Terciário, início do Quaternário, terá ocorrido a produção de grandes falhas por linhas de fratura. Nestas aconteceu a deformação que favoreceu o levantamento da Serra. Enquanto um dos lábios se levantou, o outro deprimiu, dando origem às duas vertentes tão opostas e dissimétricas, uma declivosa e escarpada chegando o desnível a 800 m e outra suave e mais ondulada. É o Caramulo resultado da produção de grandes falhas por linhas de fratura que sucumbiram em movimentos orogénicos segundo a vertical.⁸

4. SIMÕES, Viriato – *A Serra da Estrela e as suas Beiras*. Lisboa: V. Simões, 1979, p. 14.

5. RIBEIRO, Orlando – *Lafões*. IN SANTANNA, Dionísio – *Guia de Portugal*. 2.ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian [19...] vol. 3, p. 882.

6. GIRÃO, A. Amorim – *Antiguidades Pré-Históricas de Lafões. Memórias e Notícias*. Coimbra: Publicações do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra Imprensa da Universidade, n.º 2 (1921), p. 2.

7. GIRÃO, A. Amorim – *Serra do Caramulo*. IN SANTANNA, Dionísio – *Guia de Portugal*. 2.ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian [19...] vol. 3, p. 816.

8. GIRÃO, A. Amorim – *Bacia do Vouga: estudo geográfico*. Coimbra: Imp. da Universidade, 1922. Tese de doutoramento em Ciências Geográficas apresentada à FLUC. p. 33.

É ainda perceptível na memória oral e escrita o registo de alguns acontecimentos que, em finais do século XIX e inícios do século XX, expressavam consequências desses movimentos. «Em 1883 ou 1884, produziu-se, sem que outra coisa de anormal se passasse, uma fractura com direcção NNE-SSO, visível em grande extensão junto à povoação de Crescido. Para essa fractura, de profundidade indeterminada, foi canalizado um rêgo de água que voltou à superfície, mais abaixo na encosta, depositando lama carregada de enxofre. (...) Junto ao lugar de Souto Bom, na mesma encosta da serra, teve lugar a produção de uma série de fendas irradiantes em volta de um ponto central, tendo havido também um forte desligamento de terrenos. (...) Por ocasião do macrossismo de 27 de Outubro de 1913, junto da mesma povoação produziu-se também uma outra fenda no solo, rebentando dela água que, em grande caudal e durante cerca de três horas, arrasou paredes e destruiu culturas.»⁹

A linda crista recortada que hoje traduz a silhueta do Caramulo e enaltece a paisagem é o resultado de um conjunto de acidentes tectónicos, não muito distantes no tempo geológico, e que têm como base uma fratura cujos lábios sofreram movimentos diferentes. Um levantou-se e o outro abaixou-se dando origem à formação de uma zona lacustre que, pela infiltração e evaporação, acabou por desaparecer. Tal coincide com o topónimo de Mortágua, que parece dizer respeito a águas que morrem ou águas mortas. Da presença da água ficaram, junto ao sopé da vertente oriental, os depósitos argilosos tão bem conhecidos daquela zona que fomentam, ainda hoje, interessante e singular olaria.

Serra granítica cuja cumeada exhibe formas muito particulares, resultado da erosão dos elementos naturais que foi descarnando e moldando as rochas. O granito e rochas do complexo xisto-grauváquico encontram-se e coabitam, ora pelas vertentes, ora no seu miolo. Na vertente setentrional domina o granito, influência que se faz notar na paisagem humanizada pelo uso da rocha. O xisto surge num miolo que se situa entre Alcofra, Campia, Macieira de Alcoba, S. João de Monte e Guardão. Para Oeste e Sudoeste, ressurgem o xisto em terrenos de altitude de 300 m.

Imponente pela sua constituição, bela pela sua silhueta, a Serra do Caramulo ocupa destacado lugar na morfologia beirão pois que é esta estrutura que separa as Bacias Hidrográficas do Mondego e do Vouga. É, por isso, a sua cumeada linha divisória entre a Beira Litoral e a Beira Alta. Ou seja, entre uma Beira que se aproxima do Atlântico e dele recebe forte influência e outra que já se encontra entre montanhas mais recatada ao abrigo da influência marítima.

É nesta Serra de corpo alongado e crista recortada que nasce o Rio Criz, afluente do Dão e um dos braços da Albufeira da Aguieira. A vertente oriental do Caramulo alberga vários cursos de água que traduzem ramificações terminais da rede do Mondego, pois que por ela perpassa uma rede de riachos e ribeiros que deslizam e drenam em direcção aos Rios Criz e Dão, acabando as suas águas no Mondego.

De todos os volumes montanhosos que circundam a Aguieira, será ainda o Caramulo o que maior destaque expressa, pois que Tondela respira na sua vertente Noroeste e pelo Vale de Besteiros dá corpo a grande parte do território do concelho. Mortágua, por seu lado, encosta-se à vertente sul daquela Serra e faz a fronteira para o Buçaco. Carregal do Sal existe sobre a protecção amiga do Caramulo e da Estrela. Águeda, num vislumbre do que é o outro lado da serra, insinua-se na sua vertente mais serrana pelas

9. GIRÃO, A. Amorim – *Bacia do Vouga: estudo geográfico*. Coimbra: Imp. da Universidade, 1922. Tese de doutoramento em Ciências Geográficas apresentada à FLUC. pp. 36 e 37.

faldas da vertente ocidental e nela se percebe a transição para a Beira Litoral. Santa Comba Dão, ainda que mais distante, não deixa de sentir a companhia do porte enfeitado pelos cumes pontiagudos.

Se as Serras da Estrela e do Caramulo marcam a paisagem que ampara a Albufeira da Aguieira pelo majestoso porte que sobressai no horizonte, as Serras do Açor e do Bussaco mostram-se como remates que fecham a paisagem e deixam perceber a mudança de relevo que se afirma para além dos seus limites.

Açor. O Açor surge como degrau inferior da Cordilheira Central depois do gigante da Estrela, e desta se individualiza, na configuração e na constituição do solo. Com o seu ponto mais alto situado em São Pedro do Açor (1340 metros), claramente um patamar inferior da espinha montanhosa que atravessa Portugal, esta é uma serra de vales profundos e muito declivosos a fazer jus à rocha que nela predomina e que sofre maior erosão, o xisto. A silhueta mostra, por isso, montanhas de vertentes bravias e muito esculpidas na pedra que se deixou erodir e, assim, esculpir. «A Serra de S. Pedro do Açor, muito ravinada, em consequência da ação erosiva das torrentes sobre as encostas quasi nuas e de fácil desagregação, tem uma fisionomia brava e triste, sobretudo ao fim da tarde quando fica envolta nas sombras arroxeadas do crepúsculo.»¹⁰

Ladeada pelos Rios Ceira e Alva, a Serra do Açor é atravessada por vários cursos de água em vales profundos e de declive acentuado. Serão estes pequenos riachos, tributários de rios maiores como o Alva que, mais adiante, irá prosseguir o seu curso já integrado nas águas do Mondego.

Bussaco. A fechar o lado mais montanhoso da Bacia Hidrográfica do Mondego está o Bussaco, que, após o estrangulamento que faz ao Mondego junto à Raiva, anuncia a transição para a planície que o rio vai conhecer no seu trecho final. Esta Serra, que parece rematar o Caramulo na sua vertente mais meridional, resguarda, pela magnificência dos seus volumes rochosos, a Albufeira da Aguieira.

Principia junto a Penacova, no ponto em que o Alva se esconde por entre as águas do Mondego, e segue numa extensão de aproximadamente 15 km até bater, a Noroeste, na vila do Luso. Situada a 40 km do mar, expressa-se, por isso, como uma última fronteira entre o Planalto Beirão e a Beira junto ao mar. Divisória, quase obstáculo, entre a expressão atlântica e a serra que se sucede em catadupa em direção à raia, o Bussaco afirma-se como barreira. Isto mesmo afirmam César da Silva Matos e António Lopes Mendes, em 1874, quando escrevem «A península hispânica limitada ao norte pelo mar da Biscaia, a leste pelos Pireneos, e mar Mediterraneo, ao poente pelo mar Atlântico, e ao sul pelo Estreito de Gibraltar, apresentar-nos-ia um systema de cordilheiras, uma textura de serranias, uma rede de montanhas; tudo tão complicado, caprichoso, vario e extenso, bracejando em todos os sentidos, ondulando aqui, elevando-se ali, arrojando-se mais além, agora depremendo-se, logo alastrando-se; que bem podereis dizer que a Europa, forçada a entrar nas profundezas do Oceano, se contrahira tímida; e procurando em si alentos, para resistir à força impulsiva, firmára as primeiras elevações, que servissem de contraforte e de barreira, àquellas que lhes vinham no encalço. Algumas serras houve, que mais arrojadas, arcaram com o abysmo, entrando mar adentro, na certeza de lhe tolherem o passo aos furores: outras mais receosas, ou mais prudentes ficaram sentadas, quasi aos confins da terra firme, não a provocar as iras oceânicas, mas a prometter-lhes barreira. Está n'estas condições a Serra do Buçaco.»¹¹

10. MARTINS, Alfredo Fernandes – *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego: Ensaio Geográfico*: Coimbra. Tipografia Bizarro, 1940, p. 27.

11. MATOS, César da Silva e MENDES, A. Lopes – *O Buçaco*: Lisboa, 1874, pp. 15 e 16.

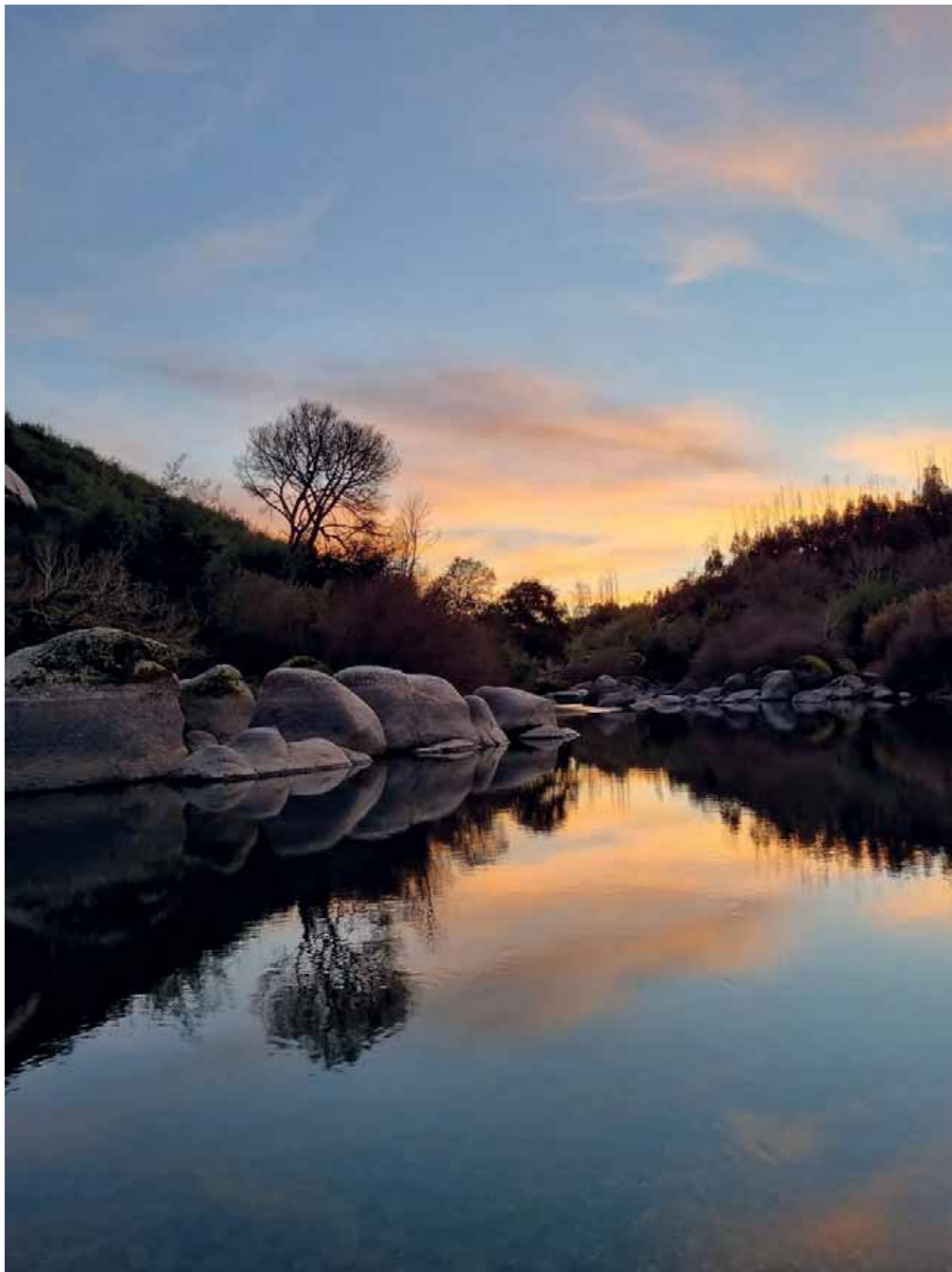
Está a 549 m de altitude, na zona do marco geodésico, e o seu relevo é de feição agreste onde os declives se mostram bastante acentuados. Os solos resultam da desagregação de xistos, conglomerados, grés branco e quartzites.

O Rio Cértima, que tanta importância tem para a contextualização da Pateira, o outro lago interior que organiza o território nesta Carta Gastronómica, nasce no seu seio e recebe vários cursos de água que retalham esta montanha.

OS RIOS

> Em plena Bacia Hidrográfica do Mondego, é este rio o dono da Albufeira da Aguieira. As águas que vai drenando ao longo da sua bacia são ali estancadas num lago artificial que mudou não só a constituição da paisagem, como a vida das comunidades que povoavam e povoam os terrenos ribeirinhos adjacentes à mancha de água. A Aguieira representa, para os incautos anónimos, o





Mondego, maior rio nascido em Portugal, que com esta obra foi domado. Rio grande, portentoso pelo percurso e pela escalada que faz, primeiro em direção a Nordeste e, depois, para Sudoeste. Linda, a história do Mondego que aqui será contada.

No entanto, a Aguieira, mar que balança ternamente entre montanhas, não guarda somente as águas do Mondego. Será sempre este o rio patriarca, pois que os outros dele são tributários. Contudo, os braços deste mar interior fazem-se também das águas que correm pelo Dão e pelo Criz, rios que não só enchem a Albufeira, como são importantes no desenho geográfico de alguns dos concelhos em análise. Por isso, o seu leito se acompanha.

Mondego. «O Mondego é o fulcro.»¹² Fiozinho de água que nasce no Corgo das Mós, território concelhio de Gouveia, a 1525 m de altitude, no seio frondoso e leitoso da Serra da Estrela, mãe-de-água de Portugal e que ali é meigamente apelidado de Mondeguinho. Na travessia pelos meandros do núcleo serrano, na direção Nordeste, o percurso pelas terras mais altas da serra é de desbaste e de conquista num primeiro troço que reflete a sua infância. É quando inflete a direção, primeiro para Noroeste, e o seu leito desenha um firme cotovelo junto a Celorico da Beira, que o Mondego se deslassa da timidez serrana e avança decidido, traçando a direção para Sudoeste.

Se antes caminhava em direção à raia, agora marcha convicto até ao Atlântico e entra no seu percurso médio desbravando um território de penedias e de fragas graníticas. Nesta parte do seu troço corre solto, seguro do portento das suas águas num território que é claramente o seu feudo. Neste troço é o Dão o seu principal afluente pela margem direita, e afirma-se, também, como um rio de suma importância para todo o Planalto Beirão, a dar paternidade aos vinhos que por ali se produzem. Mas o Dão é mais do que um tributário do rio principal da Bacia, é ele também braço fluvial da larga Albufeira que é a Aguieira. Um dos ramos da enorme mancha aquática que acompanha o seu leito e que, por ela, a povoação de Foz do Dão ficou submersa.

O Mondego, após o controlo das águas permitido pela represa da Aguieira, salta pelos meandros do afunilamento que, na Raiva, o seu traçado expressa entre encostas rochosas. Pela sua margem esquerda, as águas do Alva engolfam-se nas suas e segue, de novo, forte e pujante até encontrar o Ceira, que se deixa absorver seguro do caminho que o Mondego irá fazer até ao desenlace no Atlântico.

A partir da Portela, já às portas de Coimbra, o Mondego corre sobre os terrenos que ele próprio sedimentou pelas aluviões trazidas e amontoadas ao longo dos séculos. É o vale fértil que se estende pela planície e que se vai cruzar com o território dos seus afluentes Arunca e Pranto. Se a beleza do rio de montanha é uma certeza para quem o acompanha junto às Serras, não menos belo é a paisagem mondeguina que se desenha na planície.

Se a nascente apaixonou porque envolta na névoa dos mitos de origem, o seu desfecho junto à foz também se escreve belo. Já bem perto do Atlântico, o Mondego desdobra-se em dois esteios. O braço norte é o que serve de espelho de água oceânico à cidade da Figueira da Foz e onde estão instaladas as estruturas portuárias. O seu braço esquerdo, mais distante e menos exposto, é o mais belo. É neste troço que o Rio Pranto aflui no Mondego e o irriga momentos antes de este desembocar no mar.

12. MARTINS, Alfredo Fernandes – *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego: Ensaio Geográfico*. Coimbra: Tipografia Bizarro, 1940, p. 77.

Viagem marcada por paisagens plenas de contrastes, é o Rio Mondego curso fluvial envolto em histórias e fábulas. O silêncio e a mudez do tempo e do espaço que ele tem na sua origem encontram-se refletidos no seu troço final. E, depois de um longo caminho de 258 km, em que recebeu as águas da nascente, dos seus afluentes, das neves e das chuvas caídas sobre a Estrela e sobre o Caramulo, este rio, ora revoltado ora tranquilo, encontra a paz junto ao Atlântico e deixa que as suas águas entrem no oceano.

Dão. O Rio Dão é aqui descrito e falado pois que o seu leito corre pelo Planalto Beirão em direção ao Mondego, afirmando-se como o principal tributário, pela margem direita, daquele curso de água. Ainda, o Dão é braço forte da Albufeira da Aguieira. Aproveitado o ponto de encontro entre Mondego e Dão, fez-se um dos núcleos centrais daquela mancha de água. Por último, ainda que sempre subalterno em relação à importância do Mondego na bacia hidrográfica, certo é que determina a paisagem e todos os elementos físicos que levaram à denominação da zona vitivinícola do Dão. É, pois, elemento fluido que corre e drena parte do Planalto Beirão, mas terá força telúrica suficiente para batizar uma região e lhe dar atributos únicos.

Brota na aresta do Planalto de Aguiar-da-Beira a 775 m de altitude e, num primeiro momento do seu curso, passa repentinamente para uma cota de 575 m de altitude, o que denota uma descida brusca e repentina. Após este declive inicial, o rio Dão afirma-se como um rio de planalto sem quedas de nível muito acentuadas. Em grande parte da sua travessia pelo Planalto Beirão, a passagem faz-se por entre a penedra granítica, perfurando, arredondando, escavando, esculpindo, através da erosão, os enormes blocos que caracterizam os terrenos por onde passa.

É de notar a forte relação com a Serra do Caramulo já que drena, através do Rio Criz, Ribeira de Tondela e alguns regatos, grande parte da vertente oriental desta elevação. Tem de extensão 89 km, numa direção de Nordeste – Sudoeste, e aflui no Mondego junto à Foz do Dão, local onde a Albufeira da Aguieira tem maior dimensão e presença.

Criz. O Rio Criz, nascido na vertente oriental da Serra do Caramulo, próximo da povoação Carvalhal da Mulher, freguesia de Santiago de Besteiros, vai desaguar, após um percurso de 25 km, no Rio Dão entre os concelhos de Santa Comba Dão e Mortágua. Após a construção da estrutura da Barragem da Aguieira, tornou-se num dos braços desta, tendo levado à submersão da povoação de Breda.

AGUIEIRA: A HISTÓRIA > Entre o Mondego, o Dão e o Criz, principais protagonistas da Aguieira, existe o vínculo de vassalagem. O Mondego, senhor do Planalto Beirão, recebe as águas drenadas pelo Dão e pelo Criz. Pelo caminho relaciona-se, quer pelo seu leito, quer pelo leito dos seus tributários, com os concelhos de Tondela, Carregal do Sal, Santa Comba Dão e Mortágua. É uma rede hidrográfica com reflexos na identidade do território, e é nos domínios do Mondego que se faz a Albufeira da Aguieira. Mas é um feudo que se desenvolve no aconchego da Estrela, do Caramulo, do Açor e do Bussaco. Rios e Serras unem-se, assim, como ambiente gerador de uma mancha de água que, embora criada de forma artificial, não deixa de ser, atualmente, um elemento unificador na paisagem.

A Barragem da Aguieira e toda a obra hidrográfica consequente foi ação de engenharia que culminou após uma série de tentativas de regularizar o Mondego, cujo regime sempre se apresentou como irregu-

lar, quase torrencial, propenso a provocar cheias nos territórios de planície. Se, por um lado, o extravasar para lá das margens trazia fertilidade pela aluvião fornecida pela torrente, as enxurradas foram-se expressando como danosas, quer para as áreas de cultivo, que assim ficavam destruídas, como para a saúde pública com as águas que ficavam paradas propícias a gerar surtos de paludismo.

O seu caráter revoltado e indomesticável justifica-se pela irregularidade da distribuição das chuvas e intensidade das mesmas, pela constituição geológica das vertentes da sua bacia superior, pelo caudal dos seus afluentes. Ainda que menores, os tributários do Mondego, porque recebem as águas e torrentes provenientes da montanha, sobretudo, no degelo após o Inverno, são também de leito caudaloso e nem sempre previsível. Tal aumenta o caráter intempestivo do Mondego, cujo leito, no seu curso médio, segue entre vales estreitos e encaixados que aumentam a pressão e a velocidade da água.

Pelos registos das cheias do Mondego que remontam pelo menos ao século XIV, é este um problema secular que afeta toda a região do Baixo Mondego e, desde sempre, pediu uma solução que aliviasse as suas consequências nefastas. Inicialmente, as soluções passaram pela proibição de queimadas a montante de forma a evitar as furiosas enxurradas que varriam o vale e o assoreamento do rio. Em 1684, o rei D. Pedro II solicita ao reitor da Universidade de Coimbra uma solução para o Mondego. É nesse contexto que será pensada a abertura de dois canais em linha reta que permitam a regularização do rio. No século XVIII, o Padre Estêvão Cabral retoma esta ideia e inicia, em 1791, um conjunto de obras de engenharia hidráulica que viriam a ser interrompidas pelas Invasões Francesas. Nos séculos XIX e XX, outros projetos foram propostos sem, no entanto, grande sucesso para a resolução do problema.

É, ainda, de memória recente, as cheias do Mondego. Pela posição geográfica dessas vertentes e pelo gradual assoreamento do rio, até há bem poucos anos era certeza para as populações do Baixo Mondego que, num ápice, chuvas intensas poderiam ocasionar o alagamento das superfícies adjacentes ao seu leito. Terá sido por isso que foi pensado o Plano Geral de Aproveitamento Hidráulico da Bacia do Mondego que permitiria uma utilização mais racional do caudal do Mondego, a prevenção das cheias e a produção de energia hidroelétrica. É, neste contexto, que, entre outros projetos, é pensada e executada a Barragem que deu origem à Albufeira da Aguieira.

Construída no período que medeia entre 1972 e 1982, a 1,7 km a jusante da Foz do Dão e a 35 km a montante de Coimbra, a Barragem da Aguieira modificou o mapa dos concelhos adjacentes, sendo que obrigou à submersão das povoações de Foz do Dão (Santa Comba Dão), Breda (Mortágua), Senhora da Ribeira (Santa Comba Dão) e Barra de Asna Brava. Ficaram igualmente submersas as pontes sobre o Rio Mondego junto a Foz do Dão e sobre o Rio Criz, esta última ligando Santa Comba Dão a Mortágua. A construção da Barragem modificou, por isso, a configuração e o traçado da paisagem, o acesso às povoações, a rotina das populações pelo desaparecimento de algumas aldeias e dos melhores terrenos de cultivo junto aos rios. Alterou, enquanto obra humana, a paisagem, mas também a vida das pessoas e das comunidades.

Hoje, adaptadas as comunidades a outros regimes socioeconómicos e a novas rotinas de produção de riqueza, a Aguieira é contemplada como elemento de beleza e tranquilidade da paisagem sendo reconhecida pelas populações e pelas entidades públicas como espaço de atração turística. Modificadas que estão as condições de acesso à produção agrícola e à produção de riqueza, o lago da Aguieira transformou-se

num elemento positivo afastada a mágoa de algumas comunidades em relação às alterações sofridas. Pelo enorme espelho de água que se oferece a quem passa, pela beleza que irradia nos recantos de cada braço da Albufeira, pela amenização climática que proporciona, pela tranquilidade que dá na sua contemplação, pelo potencial associado aos desportos náuticos e de pesca, é quase um mar interior que sussurra tranquilo entre os seus limites e, paulatinamente, cria relação com as comunidades adjacentes.

É também a Albufeira da Aguieira, mar que tem no ventre o Mondego, o Dão e o Criz, e o espírito das Serras da Estrela, do Caramulo, do Açor e do Bussaco. Liga, por isso, todo um território, ainda que este só gradualmente se habitue a ela. Não se trata de um traçado que, saltitando entre pontos, entre troços que marginam fronteiras, nos mostre uma sequência do curso fluvial. É uma mancha que agrega uma identidade a partir da qual se geram novas apropriações do caráter da paisagem. A mudança será lenta, mas irá fazer-se sentir em torno das margens que abraçam este mar entre montanhas.

Tondela, Carregal do Sal, Santa Comba Dão e Mortágua partilham deste espírito, são volumes de paisagem física e humana que sentem este mar entre montanhas que os une. O caráter da Aguieira já não se separa deles.

PATEIRA – MAR INTERIOR ENTRE A SERRA E O OCEANO

> No triângulo imperfeito que delimita o território ADICES, se entre o Caramulo e a Estrela escolheu-se a Albufeira da Aguieira como elemento geográfico dinâmico capaz de relacionar as várias franjas de uma paisagem entre montanhas acolhendo no seu seio Tondela, Carregal do Sal, Santa Comba Dão e Mortágua, do outro lado, do Caramulo, entre este e toda a feição litoral dominada pela Ria de Aveiro, a escolha recaiu na mancha de água que representa a Pateira, quer pelo vínculo que a mesma representa para o concelho de Águeda, quer pela rede de relações que permite entre os Rios Cértima, Águeda e Vouga.

A primeira, a Aguieira, representa uma mudança na paisagem que foi provocada pela comunidade. Baseada na capacidade de conhecimento e ação humanas, foi feita a intervenção sobre o lugar, alterando a sua configuração e modificando as relações entre a geografia física e humana. A segunda, a Pateira, foi o resultado da ação progressiva e imparável dos fatores naturais sobre a paisagem, sendo que as comunidades souberam adaptar-se à mudança.

Por isso, a organização do espaço em torno destes dois lagos, aqui chamados de mares interiores, não tem outra pretensão que não seja, por um lado, olhar a paisagem em análise segundo fatores dinâmicos com os quais as comunidades interagem e sentem como fundadoras da identidade, e, por outro lado, prever relações horizontais e simbióticas que no futuro poderão ser muito profícuas para o território ADICES.

Para além da importância enquanto elemento da geografia física e humana pelo qual as comunidades se sentem atraídas e sobre a qual constroem a sua identidade, a Pateira abre caminho para o entendimento dos principais protagonistas que fazem a geografia deste bocado do triângulo, ao mesmo tempo, que permite perceber o encadeamento que nos leva da Serra do Caramulo até à Ria de Aveiro.



AS SERRAS > Caramulo. Mais uma vez, surge forte e certa a ideia de que por detrás da fertilidade está a montanha. O Caramulo, não na vertente oriental, mas na vertente ocidental, surge altaneiro e quase berço de um território que, no sopé situado a Sudoeste, se vai estender até à Ria. Se do lado de Besteiros estamos na Bacia Hidrográfica do Mondego, nesta vertente é já o domínio do Vouga e é lá que se estende a sua Bacia Hidrográfica. O Caramulo, pela sua cumeada, distingue, pelas suas duas vertentes, duas identidades distintas.

De um lado, o oriental, escarpado e declivoso, parapeito virado para a Estrela e para o Açor. Do outro, o ocidental, descai em suaves balanços e entrelaça-se nas ondulações e vertentes do Maciço da Gralheira. Na primeira, sente-se o território do Mondego e do Dão. Na segunda, ouve-se o estalar das águas do Vouga e do Águeda.

Da Serra do Caramulo, já descrita nesta Carta Gastronómica, quer-se agora enfatizar a vertente ocidental que joga toda a sua influência para o sopé que cai no concelho de Águeda e que desliza pelo vale onde se encontra a Pateira, e que irá desembocar na Ria de Aveiro. É uma outra Serra, um outro Caramulo, aqui sentido com a designação Alcoba, que se descobre na expressão comunitária que com o concelho de Águeda, e outros municípios do distrito de Aveiro, estabelece um corredor de contacto. Pelos esteios desta vertente fluem pessoas, hábitos, costumes que põem em contacto o topo da cumeada com os terrenos mais baixos.

A identidade serrana descai dos cumes encimados por rochas graníticas nuas e rudes e pressente-se já nos terrenos do sopé. Serra apreciada pela beleza agreste da sua silhueta, traz a sua influência até às zonas mais baixas, quer pela movimentação dos rios, quer pela deslocação das pessoas. De realçar que parte do concelho de Águeda está sob a influência geográfica do Caramulo.

Também nesta Serra nasce o Rio Águeda. Não só este é curso fluvial importante para o concelho de Águeda, pois que o atravessa e banha a cidade, como, em conjunto com o Rio Cértima, contribui para a constituição da Pateira.



Bussaco. Também o Bussaco é elemento ativo da paisagem da Pateira, pois no seu seio nasce o Cértima, que se afirma como o principal curso de água que alimenta aquele lago natural. Elemento geográfico que se expressa na proximidade da Serra do Caramulo aparenta com esta grande cumplicidade natural. Parece assim que o Bussaco se integra na Bacia Hidrográfica do Vouga, até porque o Cértima eflui no Águeda que, por sua vez, irá engrossar o leito do Vouga. No entanto, na opinião de Amorim Girão, pela sua posição geográfica e orientação geral, integra-se mais na Bacia do Mondego do que do Vouga.¹³

É esta Serra elemento geográfico de charneira, quer para o Caramulo na vertente setentrional, quer para a Estrela na meridional. Em ambas as vertentes, fecha a parte montanhosa e abre o território aos terrenos de planície.

OS RIOS > A Pateira, maior lago natural da Península Ibérica, expressa-se na Bacia Hidrográfica do Vouga. Compreender a formação desta mancha de água obriga a conhecer os Rios Vouga, Águeda e Cértima e a perceber a intrincada rede de relações que ao longo do tempo se formou entre eles. A formação do lago é um fenómeno devidamente enquadrado na evolução destes cursos fluviais e na forma como, fruto de um conjunto diversificado de fatores, desenharam toda uma geografia física que veio a resultar na alteração da linha de costa e na formação da laguna, impropriamente chamada Ria de Aveiro. Por isso, será útil conhecer estes três rios e acompanhar a sua travessia pelos meandros do território.

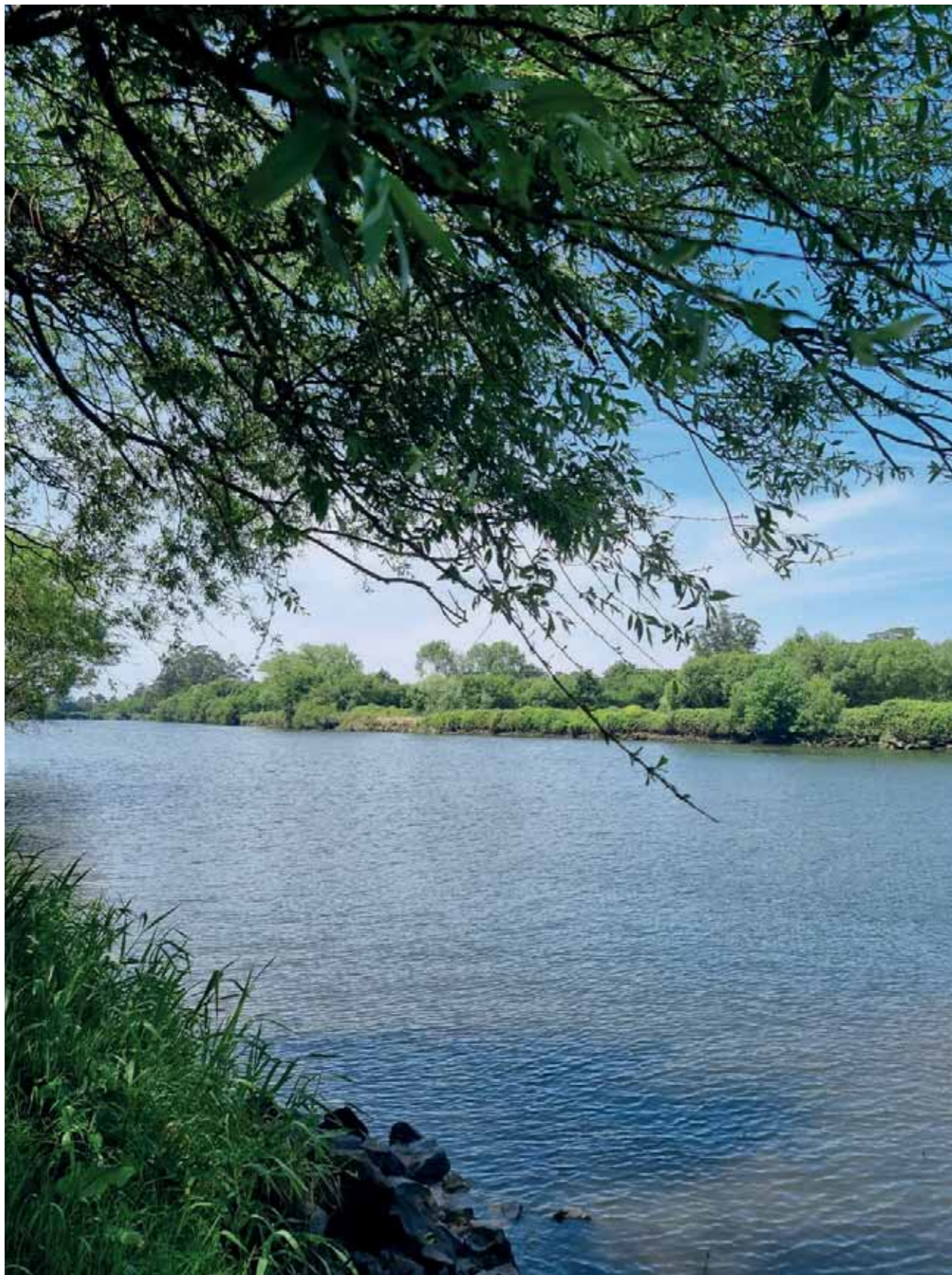
Vouga. Fio condutor de um amplo território, o Rio Vouga afirma-se estruturante quer no desenho da paisagem, desde o Planalto Beirão até à Beira Litoral, quer como corredor por onde circulam pessoas, ideias, símbolos e produtos. Na vertente ocidental do Caramulo, é também neste importante curso fluvial que se suporta a identidade das comunidades ligadas, quer ao rio principal, quer aos seus afluentes. Com a nascente no planalto granítico da chamada Serra da Lapa, a 930 m de altitude, o Vouga inicia uma travessia de 148 km que o vai levar por entre terrenos de constituição, formação e relevo muito diversificados.

Amorim Girão, que muito investigou a sua bacia hidrográfica, distingue três secções no Rio. As duas primeiras decorrem em terrenos do Maciço Hespérico em solos de constituição ora granítica, ora xistosa, e a última desenvolve-se já em território da Orla Meso-Cenozoica em terrenos de aluvião. Da nascente até S. Pedro do Sul descreve-se a sua primeira secção, sendo que num primeiro momento insinua-se de Sul para Norte e a partir da Ermida do Senhor dos Caminhos toma a direção Este-Oeste, direção que irá seguir doravante.

A segunda secção situa-se entre S. Pedro do Sul e o Pessegueiro. No início deste segundo troço, o Vouga sofre uma descida de nível muito acentuada e um desvio muito pronunciado para a direita e, ao receber o Rio Zela, o seu curso fica mais encaixado e as suas margens mais apertadas. Até ao Pessegueiro, corre estreitado, ora pelo granito, ora pelo xisto, não deixando de ter algumas várzeas de terreno aluvial tão férteis para as produções agrícolas.

No início da terceira secção, o rio corre ainda por solos xistosos, mas este último troço apresenta já um outro Vouga, um rio que corre já mais descansado e menos revoltado. Chega à planície e espraia-se pelos

13. GIRÃO, A. Amorim – *Bacia do Vouga: estudo geográfico*. Coimbra: Imp. da Universidade, 1922. Tese de doutoramento em Ciências Geográficas apresentada à FLUC, p. 18.



terrenos deixando nestes a aluvião que traz consigo. Muito perto da Pateira, antes de desembocar na Ria de Aveiro, o Vouga sofre um desvio para Norte, fato, provavelmente, explicado pelo encontro com o Águeda, curso fluvial que traz consigo as águas do Cértima e com o qual estabelece relação próxima no volume aquático que alimenta o lago da Pateira.

Será o Águeda o último rio a prestar tributo ao Vouga que, entre Angeja e Cacia, lança as suas águas por entre a laguna, habitualmente designada por Ria de Aveiro. Este acidente litoral, de formação recente, ao longo dos últimos dez séculos, terá sido consequência, por um lado, de sedimentações de areias, cascalho e lodos que os rios Vouga, Águeda e Cértima (à época, a desembocar no mar de forma independente) foram depositando junto à foz e, por outro lado, da formação de um cordão arenoso que as marés e os ventos criaram, impossibilitando a comunicação da laguna com o mar.

É de aceitar que, antes da formação da ria, a linha de costa seria de configuração diferente e mais recuada, e o Vouga depositaria as suas águas também mais para o interior. «O rio cortaria na zona costeira uma profunda e ampla chanfradura (...). Esse antigo esteiro, espécie de mar interior evidencia-se bem aos nossos olhos na zona alagada e pantanosa onde assentam as pateiras de Fermentelos, Frossos e Taboeira. Era aí que as águas torrenciais do Vouga experimentavam o embate das águas das marés.»¹⁴ Numa história de passado recente, no que é o tempo da geografia, o Vouga, o Águeda e o Cértima cruzaram os seus caminhos, influenciaram-se reciprocamente e favoreceram o destino da paisagem, primeiro no desenho e alimento da Pateira e, depois, da laguna chamada Ria de Aveiro. É um todo que resume muito mais do que a soma das partes e traz o belo para a paisagem do Vouga, hoje amplamente apreciado, quer na Pateira, quer na Ria.

Águeda. Timido como todos os rios que, à nascença, se mostram inócuos e discretos, o Águeda tem passagem sóbria e quase reverente à Serra que o vê nascer, o Caramulo. É perto de Varzielas, enclave do concelho de Oliveira de Frades na Serra do Caramulo, a 1076 metros de altitude, que nasce este rio que, ao descer a encosta e ao receber, pela sua margem esquerda, o tributo dos Rios Agadão e Alfusqueiro, toma ímpeto capaz de provocar as cheias em volta da cidade de Águeda.

É já nos terrenos planos que recebe o seu principal afluente pela sua margem direita, o Rio Cértima, logo após este individualizar o seu leito em relação à superfície de água da Pateira. Pouco depois da albufeira deste lago, o Cértima retoma, por pouca distância, o seu percurso até se engolfar nas águas do Águeda que irá, ele próprio, perto de Eirol juntar-se ao Vouga. Na parte final da sua travessia de 35 km, é clara a relação umbilical entre os três rios, Vouga, Águeda e Cértima, cuja história comum definiu a configuração da paisagem.

É certo que, em tempo recuado, os três rios teriam a sua foz independentemente uns dos outros e constituiriam um estuário comum. Fenómenos, como o depósito de sedimentações à boca da foz de cada um dos rios e a migração de areias por ação dos ventos e marés, forçaram a que o Águeda efluísse no Vouga e o Cértima no Águeda. Desse tempo antigo em que os três rios desembocavam no mar numa chanfradura na linha de costa, ficou como vestígio a Pateira, cujo nível da água é, sobretudo, alimentado pelo Cértima e pelo Águeda.

14. GIRÃO, A. Amorim – *Bacia do Vouga: estudo geográfico*. Coimbra: Imp. da Universidade, 1922. Tese de doutoramento em Ciências Geográficas apresentada à FLUC, p. 55.

Cértima. Na vertente oeste da Serra do Bussaco, na imensa mancha verde que caracteriza esta elevação, tem nascimento, com a designação de Ribeira de Santa Cristina, o Rio Cértima a 380 m de altitude, nas proximidades da Cruz Alta. Estamos no município da Mealhada e, numa direção Sul – Norte, ao longo dos 43 km que compõem o seu curso, este rio irá atravessar diferentes territórios administrativos recebendo o contributo de vários afluentes.

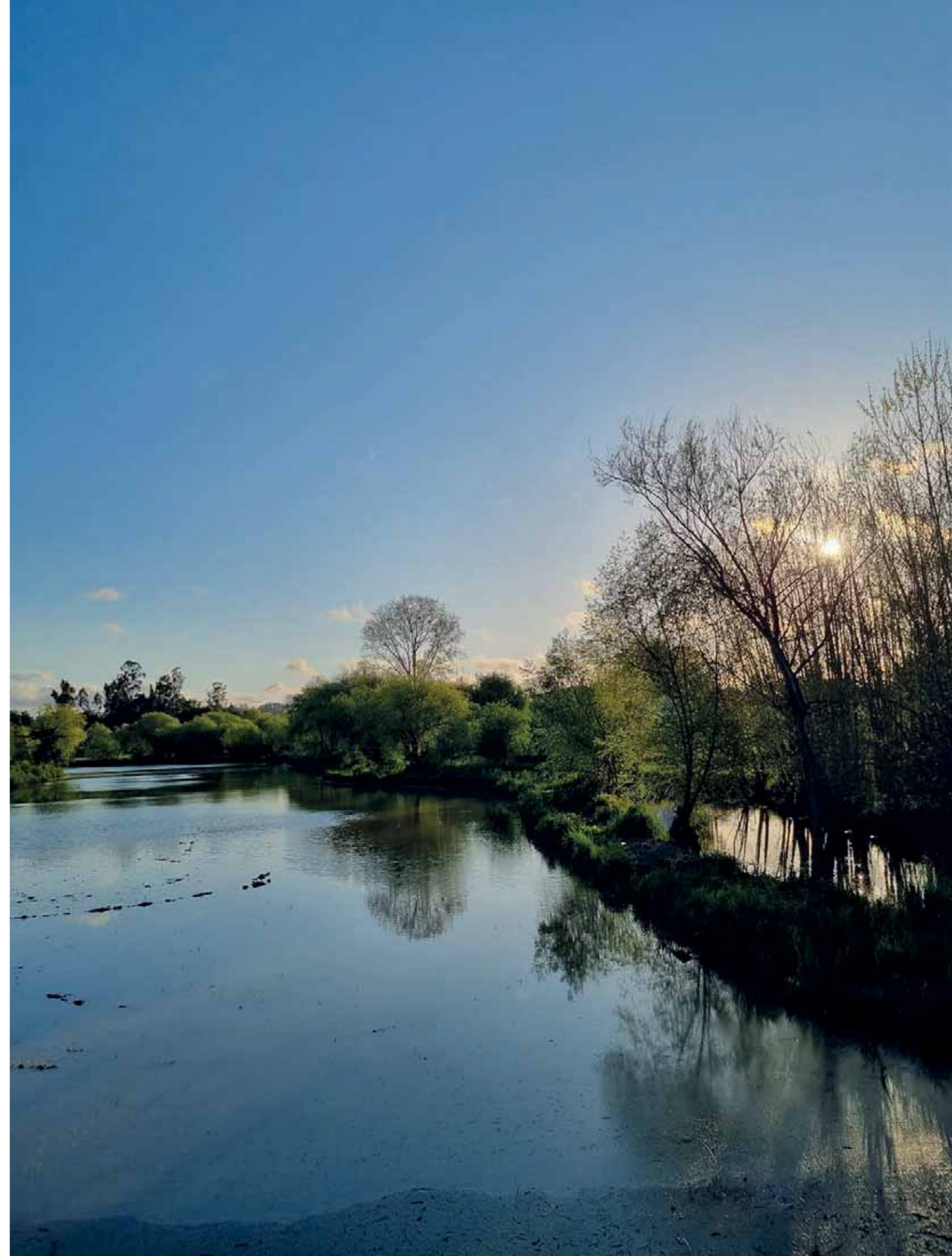
Embora se caracterize como um rio de planície, no início do seu curso o Cértima tem profunda influência das Serras do Buçaco, onde tem a sua origem, e do Caramulo. Nos meandros iniciais, a sua travessia faz-se pela Serra com terrenos de relevo acidentado e vales declivosos e abruptos. Estamos no rebordo do Maciço Hespérico de solos constituídos por xistos e grauvaques. Quando o rio abandona a serra e entra no vale, encontra a planície aluvial e assume, na sua travessia, essa identidade. Entra na Orla Meso-Cenozoica Ocidental e respira por entre um relevo suave, cujas elevações não vão além dos 70 m de altitude, e cujos solos são, na grande maioria, o resultado de depósitos de aluvião.

Da descida dos terrenos acidentados da Serra do Bussaco até à planície, o Cértima apresenta um traçado retilíneo que acompanha a linha que divide o Maciço Hespérico com as formações da Orla Meso-Cenozoica. Na sua margem direita, a Serra do Buçaco imprime à paisagem o tom serrano, e na sua margem esquerda dominam os terrenos férteis de aluvião.

Num traçado em linha reta de Sul para Norte, o Rio Cértima vai recolher as águas drenadas pelos seus afluentes sendo que, no troço final da sua travessia, o seu fluxo irá afirmar-se como a principal entrada de água na Pateira de Fermentelos, mesmo antes da sua confluência com o Rio Águeda. Este facto faz com que aquele lago receba também a influência deste curso fluvial por efeito de regolfo ou refluxo, fenómeno que ocorre pela semelhança da cota da superfície das massas de água superficial dos Rios Vouga, Águeda e Cértima, pela influência das marés devido à proximidade do nível dos rios ao nível médio do mar e por causa dos distintos tempos de crescimento das linhas de água.¹⁵

PATEIRA: A HISTÓRIA >

A história da Pateira faz-se pelo cruzamento das histórias dos Rios Cértima, Águeda e Vouga. Protagonistas ativos no desenho da paisagem deste pedaço da Beira Litoral, cada pequeno momento dos seus cursos é um fio que ajuda a tecer a manta que explica a formação deste lago. Não há a individualização de um outro elemento em função do grau de importância, mas é um conto que vai recebendo acrescentos à medida em que vamos conhecendo cada um dos rios. É o Cértima o principal responsável pela entrada de água na Pateira, mas o mesmo só acontece porque há uma história comum que aproxima os três rios e entre eles forma um cordão umbilical. Como um ponto que se vai acrescentando a outro ponto e que permite que a linha seja infinita, a história da Pateira é uma sequência de pontos que explicam a sua formação e constituição. Tudo começa na montanha, onde nascem os Rios. O Vouga, no Planalto Beirão, em terreno granítico da Serra da Lapa. O Águeda, na Serra do Caramulo que com a sua cumeada divide as Beiras Alta e Litoral. O Cértima, no Bussaco, espécie de barreira e fronteira entre as paisagens serranas e planas, quer para o Vouga, quer para o Mondego. Na descida até à



15. FERREIRA, Raquel V. – *Avaliação Hidroquímica da Qualidade da Água na Bacia do Rio Cértima*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007. Tese de Mestrado em Engenharia do Ambiente apresentada à Universidade de Aveiro.

planície, drenam o território adjacente à sua passagem com o tributo dos seus afluentes, mas trazem consigo a vontade de irrigar. Ganham fôlego no declive por entre meandros estreitos e, nas terras planas e baixas, por vezes, alagam e mancham de água e aluvião.

Correm esbaforidos, engrossando o seu leito até à planície. No presente, o Cértima alimenta a Pateira e, logo após a passagem por este lago, entronca no Águeda que, mais à frente, se embrenha no Vouga formando um único rio. Quem passa junto deste trecho de território onde os rios se mergulham em catadupa uns nos outros, sente o vibrar da água, a riqueza do ouro líquido que ela representa e atreve-se a pensar que a beleza do encadeamento fluvial terá sido constante e imperturbável ao tempo. Mas o passado conta uma outra história, não menos bela. A mesma que à época teria criado desconcerto pela alteração da paisagem, pelo contraste da relação das comunidades com a mesma. Mas a história revela que as comunidades se adaptaram à evolução do lugar e com ele criaram relação profunda e íntima.

Outrora, há cerca de dez séculos, os Rios Cértima, Águeda e Vouga desembocariam no mar, de forma independente, numa linha de costa que seria muito mais recuada do que é hoje. No estuário onde os rios lançavam as suas águas no mar, desenhava-se um recorte em forma de chanfradura por onde fluíam aquelas até ao oceano. Seria, na opinião de Amorim Girão, provavelmente ali que se situava a importante cidade romana de Talábriga, aproveitando-se como oportunidade a porta de entrada entre o mar e o rios e todo o desenvolvimento que tal favorecia.

No correr do tempo, os detritos de aluvião arrastados pelos cursos fluviais, como lodos, cascalhos e outros, foram, progressivamente, fechando o estuário, obrigando os três rios a nova configuração para desaguar as respetivas águas. Em virtude do assoreamento, o Vouga prolonga o seu curso e passa a desaguar mais a Noroeste, o Águeda é empurrado para efluir no Vouga e o Cértima passa a desaguar no Águeda.

Esse antigo recanto onde desaguavam os três rios e que, mais tarde, foi fechado pelo assoreamento é hoje o local onde assenta a Pateira, sendo esta um resquício do que terá sido esse braço marinho que subia nessa reentrância. Por isso, o Lago designado de Pateira ficou a ser alimentado, sobretudo, pelo Rio Cértima que encontra aquela mancha já quase no final do seu percurso, não deixando de receber o contributo do Águeda, por via do refluxo ou regolfo das águas, e do Vouga por ação das marés.

Também importante ligação umbilical existe entre a Pateira e a Ria de Aveiro, já que terá sido, por um lado, o assoreamento que obrigou a um redesenho da foz de cada um dos rios e, por outro lado, a formação do cordão arenoso por ação de ventos e marés que criou a laguna, designada de Ria de Aveiro. Entre a Pateira e a Ria há uma relação simbiótica, de influência mútua, do mesmo modo que com os três rios.

Será de aceitar que a paisagem foi, lentamente, modificada por fatores naturais e que a Lagoa da Pateira assume características de localização e constituição que foram evoluindo ao longo dos séculos pressionados pela ação natural. No presente, a Pateira, comumente chamada de Fermentelos, constitui-se como a maior lagoa natural da Península Ibérica e assume grande relevância no equilíbrio dos ecossistemas naturais da região. Foi declarada como importante zona húmida da Rede Natura 2000.

Situada a cerca de 20 km da linha de costa, está no extremo norte da Bacia Hidrográfica do Rio Cértima, mais precisamente nos últimos 4 km deste rio. As dimensões e profundidade desta lagoa variam ao longo do ano de acordo com as condições climáticas de cada estação, sendo que o seu expoente máximo se situa nos 5 km². Situada, maioritariamente, no concelho de Águeda, é delimitada, a Norte, por Óis-da-

-Ribeira e Requeixo, a Sul, por Fermentelos, Pego e Perrães, a Nascente, por Espinhel e Gocha e, a Poente, por Carregal. Grande parte da Lagoa está localizada no concelho de Águeda, mas abrange, ainda, os concelhos de Aveiro e Oliveira do Bairro.

O curso do Cértima constitui a principal entrada de água nesta lagoa, sendo que o seu nível de água e profundidade também depende do Águeda e do Vouga. Contudo, também a Ribeira do Pano dá o seu contributo para as dimensões desta lagoa, assim como alguns poços que existem dentro da própria Pateira contribuem para aumentar o volume da água.¹⁶

Importante ecossistema onde habitam várias espécies vegetais e animais, a Pateira tem sido alvo de programas de preservação que têm em conta o elevado valor patrimonial e ambiental que aquela representa e que é um reflexo do modo como as diversas comunidades, que vivem em volta deste lago, a sentem na sua identidade. No passado, as comunidades desenvolveram um conjunto de relações que têm em conta a diversidade de recursos que a mesma proporciona. «Tem a Pateira de Fermentelos abundante vegetação aquática, constituída principalmente por bunho, que é aproveitado para o fabrico de esteiras e outros artefactos e golfões, que se apanham para o estrume das terras, desde 11 de Março a 8 de Julho e de 25 de Agosto a 31 de Dezembro, constituindo na época da floração, com as suas largas folhas e grandes corolas, impressionante tapete de estranho e bizarro desenho. A economia local é inteiramente subsidiada pela Pateira, em cujas margens se cultiva o arroz, milho, horta variada e pujante, que abastece a região; além disto as suas águas criam grande quantidade de peixe, principalmente, enguia, barbo, camarão, carpa, pimpão, roubaco, solha e tainha, não faltando também caça aquática; em tempos que a região era menos povoada, abundavam os patos bravos, cuja presença deu nome à lagoa e, as suas margens, onde existiam grandes florestas, foram mesmo coutada real em tempo de D. Manuel I, ali se fazendo montaria a porcos e veados. Data de 19-IV-1864, o regulamento local para o moliço, vegetação e pescaria, estabelecido pelo Conselho do Distrito; um tipo de barco especial que se adaptou às condições da lagoa, que é toda navegável, fundo chato, borda baixa, popa larga e cortada, como um ferro de engomar.»¹⁷

De referir, que, presentemente, se ouvem relatos que corroboram toda esta rede de relações entre a população e a Lagoa, lugar onde homens e mulheres se habituaram a ser agricultores e pescadores. Acidente geográfico que terá sido desenhado a partir do século XV, certo é que as populações souberam adaptar-se às condições criadas pela formação deste mar interior e dele souberam tirar todas as oportunidades de sobrevivência, fazendo dele espelho e leito para a satisfação das suas necessidades.

Alheios aos ciclos e às mudanças da geografia, mais do que se distanciarem do lugar, as comunidades sabem perceber a evolução da paisagem e com ela criar a relação que lhes permita a sobrevivência. É isto que ainda hoje acontece em volta da Pateira, nomeadamente no concelho de Águeda, um dos territórios em análise nesta Carta Gastronómica.

16. *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, 1945. Vol. XI, p. 94.

17. *Idem*.



RECEITAS QUE SÃO CONTOS, FIOS QUE VESTEM RECEITAS

A receita é uma pergunta. E a resposta é um conto, sempre feliz. À receita, respondem o sabor e o bem-estar como frases certas de uma história que se constrói. E, como todos os contos, começa num tempo e num espaço, os quais, já ninguém lembra. Lá longe, vislumbra-se o início, mais no mito do que na realidade, porque a receita há muito pergunta e o sabor e o bem-estar há muito respondem.

Impossível discernir o início do conto, percebe-se, contudo, que a transmissão oral criou tantos acrescentos, tantos pontos, quantas as pessoas que nele pegaram e lhe deram continuidade. Pessoal, porque cada um é protagonista do seu próprio conto e dá-lhe a entoação e o rumo que entende, mas transmissível, porque é uma história disponível para quem a quiser ouvir e nela quiser pegar.

São as palavras deste conto como fios. São fios que vestem as receitas e lhes dão corpo. Às vezes, é só um fio, discreto e quase sumido, que se vai entrelaçando na esperança de ser mancha visível. Outras, são fios que se cruzam e, pelas mãos de quem os tece, se tornam em pontos que dão caráter à receita. Outras vezes ainda, é preciso desfazer a malha e repensar o ponto que se quer para dar feitiço. Também, tantas vezes, o fio tem de ser cortado para que não se perca a intenção de conseguir um ponto seguro, capaz de segurar o conseguido até aí. Importante é nunca perder o fio à meada e não deixar que ele fique solto, sem consequência. De que interessa ter ingredientes se a ação não alcança um resultado de sabor e bem-estar? De que interessa uma panela vazia, se nada há para lá pôr dentro? Uma receita é um conto em permanente construção. Ainda que o fio condutor seja visível e permanente, as variações acontecem e criam diversidade.

Os fios vestem as receitas e constroem o discurso que as explica. Mas a verdade é que cada um tem o seu conto e veste-o das palavras que entende, cruza os fios e dá o ponto onde lhe parece que tem lugar o sabor e o bem-estar. E, a receita segue caminho. Nos acrescentos, ou fios que se juntam, ou nas reduções, nos fios que se desfazem ou, se necessário, que se cortam, a receita continua segura da sua mora-



lidade culinária. Sim, porque sempre que uma receita responde convenientemente a moralidade está presente.

Do que se acrescenta, do que se retira, num carácter mais do que subjetivo que cada um imprime à sua receita, esta vai crescendo, evoluindo, mudando, sempre que passa de mão, sempre que tem novo protagonista. Por isso, entre gerações mudam os ingredientes. Na receita das avós não está o que as netas já acrescentam, mas o fio continua o mesmo. A receita da vizinha é mais simples ou mais requintada, mas ambas têm a mesma trave-mestra. Nada é feito no vazio. Nada surge de uma bolha inconsequente.

Cada receita é um conto e cada pessoa que agarra nela conta a história à sua maneira. Foi na oralidade, mais do que na escrita, que as receitas sobreviveram ao desgaste do tempo. As que perderam o fio à meada, morreram, deixaram de ser válidas para responderem à questão fundamental do sabor e do bem-estar.

Cada receita, um conto que cada um expressa à sua maneira. Mas todas as receitas são histórias que gerações souberam cuidar, guardar, transmitir, passar para o futuro, sempre sem serem juízes em causa própria, mas apenas como vozes que deixaram fluir a receita. Agrilhoar a receita em fios hirtos e rígidos, mais depressa leva ao desaparecimento do que à preservação. Tanto se aperta que rasgam os fios.

Nesta Carta Gastronómica do território que encontra coordenadas na Agueira e da Pateira, cada receita é um conto. Do meu pão, das minhas bolas, das minhas papas, dos meus carolos, do meu sarrabulho, do meu pão de ló, da minha aletria, do meu arroz-doce e de tantas outras receitas. Cada uma é um fio que se fez caminho em múltiplas direções e que tem uma protagonista. Cada pessoa conta a sua história e acrescenta-lhe ou retira os pontos que entende.

Nada nesta Carta Gastronómica é absoluto. Primeiro, porque a verdade se vislumbra na luz e sombra das entrelinhas da oralidade que a escrita procura interpretar. Segundo, porque só a humanidade de cada receita justifica a verdade que se quer ver.

A verdade de cada ponto que se acrescenta, a beleza da receita que se multiplica e se transforma. O encanto das histórias que aqui se contam e dizem tanto da cultura gastronómica dos concelhos de Tondela, Carregal do Sal, Santa Comba Dão, Mortágua e Águeda.

Das receitas que são contos, ao fio que une o Território Adices. Um fio que não rasga.

Título

Quem conta um conto, acrescenta um pouco
Carta Gastronómica do Território ADICES

Autora

Olga Cavaleiro

Edição

ADICES – Associação de Desenvolvimento Local
Av. General Humberto Delgado, n.º 19
3440-325 Santa Comba Dão
adices@adices.pt | www.adices.pt

Foto da capa

Milho Regional [Olga Cavaleiro]

Fotografias

Olga Cavaleiro (com exceção daquelas que se encontram devidamente assinaladas
com a indicação do nome do autor)

Concepção gráfica

Edições Afrontamento, Lda. | Departamento Gráfico
Rua de Santa Catarina, 895, 2.º Dto. – 4000-455 Porto
www.edicoesafrontamento.pt
comercial@edicoesafrontamento.pt

ISBN: 978-989-96766-5-7

Depósito legal: 519915/23

Impressão e acabamento

Rainho & Neves, Lda. – Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Junho de 2023

PROMOTOR



MUNICÍPIOS PARCEIROS



FINANCIAMENTO





Ouvir as Receitas tem tanto de luz como de sombra. De esclarecimento como de dúvida. De revelação como de segredo. Ouvir as receitas e pensar que conseguimos traduzi-las para a escrita sem traição. E que da oralidade se passa à escrita compreendendo cada palavra no seu sentido mais profundo.

Mas as receitas não são feitas apenas de palavras escorreitas que nascem na fluidez da procura do sabor. Há silêncios, pausas, murmúrios, uma volta atrás e vai à frente, sorrisos entreabertos, mãos que giram em gestos de abraços, gargalhadas e algumas lágrimas de emoção que viram, que transformam a receita. Isso tudo, é dádiva da oralidade que a escrita nunca poderá reproduzir.

Traduzir para a escrita as inúmeras e infindas receitas ouvidas no silêncio das cozinhas adornadas do fumo negro que, ainda hoje, envolve as paredes, julgou-se como tarefa imprescindível na realização desta Carta Gastronómica indissociável do território e das pessoas que o integram.

PROMOTOR



MUNICÍPIOS PARCEIROS



FINANCIAMENTO

